

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

Facilitação Gráfica no Brasil e Seu Uso em Projetos Editoriais¹

Izabel Marques MEO²

Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

O presente trabalho tem o objetivo de explicar e mostrar o que é facilitação gráfica e como seus elementos podem ser aplicados em projetos editoriais. Foram usados para a pesquisa livros sobre o assunto, sites, blogs e fóruns de profissionais, brasileiros e estrangeiros. A Facilitação gráfica chegou no Brasil há 12 anos, mas nos Estados Unidos existe há mais de trinta. A atividade consiste em registrar ao vivo, geralmente em grandes painéis de papel colados na parede, com cores, desenhos e metáforas visuais o que um grupo ou plenária está discutindo ou produzindo.

Palavras-chave: facilitação gráfica, design editorial, mapa de ideias, colheita, registro gráfico

Introdução

Fazemos associações visuais o tempo todo. Quando alguém nos explica algo só um pouco mais complicado logo diz a famosa frase “quer que eu desenhe?”. Quando explicamos algum caminho, frequentemente desenhamos um mapa, ou quando queremos buscar a relação entre as pessoas, produzimos um pequena árvore genealógica ou organograma da empresa.

Além da linguagem visual facilitar processos “naturalmente”, nós pensamos muito por meio de metáforas e parábolas. Desde a catequese até palestras motivacionais para equipes de vendas, os “facilitadores” (nesse caso não necessariamente gráficos) sempre usam exemplos simples e rotineiros para chegar a uma coisa maior, uma diretriz ou meta. Sempre que estamos conversando e alguém nos conta que fez algo errado ou algo não deu certo numa combinação pensamos, e muitas vezes falamos também: “puxa, ele pisou na bola”. Uma clara referência ao futebol, mesmo que a conversa seja sobre o mercado de ações ou o planejamento da festa de 15 anos de alguma garota.

Em busca de uma forma nova e eficiente de registrar ideias e tornar processos participativos mais criativos, designers, administradores, psicólogos, artistas, publicitários e até professores têm aprendido, e praticado muito, as técnicas e teorias da facilitação gráfica. Trata-se de um tipo de prestação de serviço, ou atribuição de alguém específico em uma empresa, grupo ou organização. Um facilitador gráfico é um

¹ Trabalho apresentado no GT Pensamento Comunicacional, do PENSACOM BRASIL 2016.

² Mestranda do Curso de Comunicação Social, email: izabel.meo@gmail.com.

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

elemento silencioso em reuniões, debates, palestras e apresentações. Ele, ou ela, registra com frases pontuais e desenhos, geralmente metáforas visuais, usando muita cor, síntese e organização, tudo que vem sendo discutido, demandado, sugerido, aprovado e definido.

Este trabalho foi escrito com base em um livro exclusivamente sobre facilitação gráfica de Brandy Agerbeck, profissional dos Estados Unidos. Um livro sobre como a linguagem visual pode deixar as reuniões muito mais dinâmicas e produtivas, de David

Sibbet, facilitador gráfico norte americano também e em livros de design que pudessem ajudar a fazer a ligação de Facilitação Gráfica com a produção editorial.

Além disso, para a monografia que originou este artigo, foram feitas oito entrevistas com profissionais brasileiros e uma grande pesquisa na internet, meio pelo qual grande parte deles divulga seu trabalho e troca experiências. Em uma avaliação rápida destas entrevistas, podemos perceber que é um mercado dominado por mulheres. Das oitos entrevistas, somente uma foi respondida por um homem. Porém, foram mapeados 16 profissionais em atividade no Brasil, sendo somente quatro homens.

Neste artigo vamos mostrar em palavras e imagens o que é e como se faz facilitação gráfica. Abordaremos a importância da linguagem visual e, por fim, onde e como encontrar as características da facilitação gráfica em projetos editoriais.

A atividade

Ainda nova no Brasil, a facilitação gráfica começou no anos 70 nos Estados Unidos. Primeiro em reuniões de equipes de negócios, depois em treinamento de lideranças em empresas inovadoras. Então conquistou setores estratégicos, organizações não governamentais, grupos de discussão e até convite para festas.

A facilitação gráfica consiste em participar como ouvinte em um grupo que esteja construindo ou debatendo algo (reunião, debate, encontro, treinamento, palestra), registrar ao vivo o que o grupo produz de conteúdo, ou a que conclusões chegam, sempre focando no essencial do que foi dito, de modo a, no fim do dia, se ter um resumo do que foi falado e as deliberações registradas em palavras, frases, expressões e, sempre que possível, desenhos, ilustrações e metáforas visuais. (MEO,2014)

Em exemplo de uma facilitação gráfica é o “resumo ilustrado” do discurso inaugural do presidente Barack Obama³, em 2009, feito pela facilitadora norte-americana Brandy Agerbeck. Longo para assistir, frio para ler. Existe uma forma de apresentá-lo que seja mais atrativa: os tópicos e pontos altos da fala do Presidente escritos junto a ilustrações e muitas cores. Está resolvido o problema da complexidade e tamanho do discurso:



Segundo Brandy, o profissional de Facilitação Gráfica torna as coisas mais simples e realiza seu trabalho ao vivo e em grandes painéis de papel. Ele ajuda um grupo a criar significado para o trabalho realizado. A facilitação gráfica é um processo composto por partes iguais de ouvir pensar e desenhar. (AGERBECK, 2009)

Para os facilitadores desenhar conversas significa também: escutar, passar por um processo de aprendizagem e inovação, utilizar metáforas em imagem, organização em design e a captação e síntese de informações. Dessa forma desenhar informações exige simplicidade e sofisticação, captação e síntese de informações e também novos caminhos de compreensão.

Percebemos a facilitação gráfica como um suporte a algo maior: o aprendizado ou desenvolvimento do grupo. Esse apoio é palpável, ao ser visto nos murais desenhados e também imaterial, na conclusão sobre o tema debatido que o grupo conquista ao contar com o registro da facilitação. (MEO, 2014)

³Facilitação Gráfica de Brandy Agerbeck para o discurso do presidente dos EUA, Barack Obama. Imagem disponível em <http://www.loosetooth.com/Viscom/gf/obama.htm>. Acesso em 3 de dezembro de 2013

David Sibbet, o ‘pai’ da facilitação gráfica

David Sibbet é um líder mundial em facilitação gráfica e pensamento visual para grupos. É fundador e presidente da The Grove Consultants International, uma empresa cujas ferramentas e serviços para visualização panorâmica, facilitação gráfica, liderança de equipes e transformações organizacionais, são usadas por consultores e organizações em todo o mundo. Apesar de trabalhar com facilitação gráfica desde os anos 1970, Sibbet escreveu o guia “Visual Meetings” em 2010 que três anos depois ganhou uma versão em português, “Reuniões Visuais”.

Em seu currículo, Sibbet carrega a responsabilidade de ter participado da criação da Apple University, nos anos 1980, trabalhou no Groupware Users Project com o Institute for the Future no final dos anos 1980 e 1990; liderou um time de consultores internos na National Semiconductor em 1990, ensinou na Mars Associates ao redor do mundo a facilitação de forma gráfica. Sibbet também trabalhou com a Hewlett Packard nos anos 90.

Sempre facilitando processos, ou planejando processos de aprendizagem, o autor construiu “Reuniões Visuais” como um testemunho a evolução das ferramentas de produção gráfica. Seu livro é o maior exemplo de como a facilitação gráfica pode ser utilizada em projetos editoriais. Sibbet confessa que, desde que adquiriu seu Mac SE pretendia fazer um trabalho de autoria que combinasse com total fluidez, texto e gráfico. (SIBBET, 2013)

Quando fez parte da equipe da Apple, Sibbet desejava trabalhar interativamente com comunicação visual, inspirado na maneira como os arquitetos e designers trabalhavam, mas aplicada a reuniões comuns. Em 1972, o autor aprofundou-se nas técnicas que mostravam o poder da visualização para transformar o pensamento e os processos de um grupo.

A teoria de Sibbet é de que se os grupos conseguem ver padrões diferentes em seus pensamentos, eles ficam mais inteligentes. Essa é a importância da linguagem e do pensamento visual para a facilitação gráfica.

A capa do livro “Reuniões Visuais” é um modelo visual que ilustra o processo pelo qual os grupos deixam de imaginar possibilidades e partem para a ação. Trata-se

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

também de um processo de aprendizagem onde cada etapa envolve uma visualização.

As quatro etapas deste desenvolvimento são: Imaginar, engajar, pensar e atuar: agir por meio da visualização é estimular a força da simulação. Como se pode imaginar a visualização torna-se importante nesse momento como um guia para ver como as ações funcionarão ao longo do tempo. Mapas de roteiro, planos, painéis, mapas de progressos e pastas. Estes são exemplos de visualização que refletem ações ao longo do tempo, e nos ajudam a pensar sobre a implementação.

Os Gráficos na Facilitação Gráfica

Facilitação gráfica é a arte de usar palavras e imagens para criar um mapa conceitual de uma conversa. Esta é a definição resumida de Brady Agerbeck. Um facilitador gráfico geralmente é o parceiro silencioso de facilitador de processos tradicional. Ou seja, enquanto um usa técnicas de condução de conversas com foco em tirar o melhor daquele grupo, o outro desenha em larga escala uma imagem do que está acontecendo naquela sala, em tempo real.

Facilitação gráfica é ao mesmo tempo produto e processo. Focando no grupo e auxiliando-o a concentrar-se e também capturando e organizando suas ideias. Depois do evento, o mapa se torna um documento, uma prova do progresso da reunião e suas direções. Esse resultado conceitual é engajador e significativo porque a plateia assistiu sua criação, criando um relacionamento desta experiência. As imagens são emocionais e subjetivas, os participantes podem então interpretar as imagens e se lembrarem dos momentos que mais lhe chamaram a atenção. (AGERBECK, 2012)

Brandy lista oito elementos essenciais para um facilitador gráfico e que devem estar em seu trabalho. São eles: as letras, as cores, flechas, caixas, símbolos, linhas, pessoas e dimensões. Brandy justifica esta escolha pois, para ela, existem formas de fazer marcações terem conteúdo e significado.

O trabalho de facilitação gráfica pode ser dividido em modelos, e dentro dos modelos os estilos de cada facilitador, e isso depende muito do profissional e do tema tratado.

Os modelos são: Larga escala e ao vivo; Larga escala e não ao vivo; Pequena escala e ao vivo (uma folha de papel ou um bloco de anotações); Pequena escala e não ao vivo; Cartões, como cartões de visita ou cartões de um jogo de baralho.

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

A facilitação gráfica em larga escala e ao vivo pode ser feita em uma palestra, onde o facilitador gráfico acompanha o que o palestrante diz, e as reações do público e vai registrando em grandes folhas de papel.

Um exemplo⁴ desse trabalho é o desenvolvido pelas irmãs e sócias Fernanda e Flávia de Paula no Fórum de negociação da HSM, empresa especializada em eventos e cursos voltados para gestão e inovação. As facilitadoras acompanharam vários dias do Fórum registrando os ensinamentos e aprendizagens do evento:



A importância da Linguagem Visual

A linguagem visual é uma forma de comunicação constituída por imagens representadas por símbolos diversos. “É um conjunto de signos e símbolos usados para se comunicar visualmente com harmonia e senso de estética” (HALLAWELL, 2008 in Max Ribeiro, disponível em <http://bit.ly/1fBV9cA>). A visualização é uma forma poderosa de resolução de problemas entre grupos.

“Muito do nosso entendimento dos sistemas e de como as coisas funcionam em conjunto (...) é representado por imagens, histórias e metáforas animadas por nossa própria experiência. (...) Reuniões visuais são surpreendentemente produtivas em relação a isso, tanto por fornecer uma maneira segura de nos tornarmos conscientes de nossas metáforas, como por permitir formas criativas de cocriação de novas metáforas”. (SIBBET, David. Reuniões Visuais - 2013 - página XII da introdução)

Sibbet lista três ferramentas poderosas para reuniões eficazes, a essência da facilitação gráfica: a habilidade natural para se comunicar visualmente; lembretes autoadesivos e outras mídias interativas; mapeamento de ideias

⁴Facilitação gráfica da palestra de Philip Kotler feita durante o Fórum HSM 2013 pela Regência Consultoria (Flávia e Fernanda de Paula) em parceria com a Via Mosaico, outra consultoria em facilitação gráfica no Brasil. Disponível em: <http://on.fb.me/1GiGOX>. Acesso em 16/03/2014

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

Mapeamento de ideias, segundo o autor, seria utilizar metáforas visuais inseridas em modelos gráficos e planilhas de trabalho, de forma que o grupo consiga pensar visualmente. Sibbet lembra que inventores sempre lidaram com diagramas e desenhos em seus diários, assim como engenheiros e designers trabalham em quadros brancos e mesas de desenho. Esta técnica não precisa ficar restrita a estes profissionais pois trata-se de uma abordagem flexível que contempla desde quem trabalha em uma folha de papel em branco até gráficos mais elaborados e softwares que auxiliam o grupo a visualizar o que estão pensando e planejando.

“Os pesquisadores em aprendizado e inteligência cognitiva sabem agora que os seres humanos processam a informação de formas diferentes e que o pensamento visual é uma parte grande do que fazemos. Parece que nossos cérebros são maciçamente desenvolvidos para processar informação visual, alguns sugerem que até 80% de nossas células estão envolvidas nisso.” (SIBBET, David. Reuniões Visuais - 2013 - página XVI da introdução)

O benefício do uso da facilitação gráfica é tanto que Alexander Osterwalder e Yves Pigneur, conselheiro na área de inovação e professor de sistemas de gerenciamento de informações respectivamente, incluíram em seu livro “*Business Model Generation - Inovação em Modelos de Negócios*” informações significativas de como o pensamento visual e seu registro podem auxiliar no desenvolvimento de novas e inovadoras ideias para negócios.

“O pensamento visual aprimora os questionamentos estratégicos, tornando o abstrato concreto, iluminando as relações entre os elementos e simplificando o que era complexo” (OSTERWALDER, Alexander e Pigneur, Yves. *Business Model Generation* - 2011 - página 148)

A visualização remete a questões importantes. Entre os benefícios está que em uma reunião, portanto ao vivo, o registro da essência do que é discutido mostra imediatamente que alguém foi ouvido, e como esta pessoa foi ouvida, de uma forma que a comunicação verbal não consegue fazer, uma vez que, a não ser que interrompamos o processo e perguntemos aos participantes “o que foi que você entendeu deste exemplo que eu acabei de dar?”.

Trabalhar de forma visual integra. Porque combina a forma visual, lado direito do cérebro, e verbal, lado esquerdo, com a interação e movimento físico. Exposições gráficas podem conter informações contraditórias na mesma folha, atenuando o pensamento do tipo ‘e/ou’ que nossa linguagem falada tende a reforçar. Metáforas gráficas permitem que as pessoas expliquem diretamente como elas estão entendendo as

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

coisas, inclusive, as representações visuais estimulam a imaginação das pessoas, tornando mais acessíveis as esperanças e sonhos, intenções e visões. Por fim, a tradução da palavra escrita para a representação visual força todos a se tornarem conscientes dos padrões de ambas. (SIBBET, 2013)

A facilitação gráfica, nesse contexto, sugere que o ato de mapear e diagramar, é, por si só, um tipo de raciocínio, e a qualidade dos recursos visuais nem é tão importante quanto viver o processo de construção. Grupos ficam muito mais dispostos a aceitar e implementar ideias que vem de dentro do grupo, do que aquelas impostas por pessoas de fora - mesmo que sejam por experts. (SIBBET, 2013)

Projeto Editorial

“Um livro é um espelho flexível da mente e do corpo. Seu tamanho e proporções gerais, a cor e a textura do papel, o som que produz quando as páginas são viradas, o cheiro do papel, da cola e da tinta, tudo se mistura ao tamanho e a forma ao posicionamento dos tipos para revelar em pouco do mundo em que foi feito. Se o livro se parecer apenas com uma máquina de papel, produzida conforme a conveniência de outras máquinas, só máquinas vão querer lê-lo”. Estas palavras abrem o capítulo 8, que fala sobre a forma da página de um livro, do livro “Elementos do Estilo Tipográfico”, de Robert Bringhurst.

Muitos autores confirmam que o design, ou projeto gráfico, de um livro ou publicação só é percebido quando tem algum problema. Quando algo está fora do lugar, ou deixa de fazer sentido. Quando o texto do autor não cabe naquele projeto, ou quando a leitura fica complicada. É a qualidade da composição que determina a aparência do livro. (TSCHICHOLD, 1975)

Richard Hendel escreveu que o trabalho real de um designer de livros não é fazer as coisas parecerem “legais”, diferentes ou bonitas, mas sim descobrir como colocar uma letra ao lado da outra de modo que as palavras do autor pareçam “saltar da página”. O design é colocado a serviço das palavras, serve a este propósito e não a si mesmo. Em seu livro O Design do Livro, Hendel enumera os passos para a criação de um livro.

Ao conjunto destes passos, com detalhes e particularidades, damos o nome de projeto gráfico: Formato da publicação; Margens; Tipografia; Detalhes como:

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

parágrafos, algarismos, versais e versaletes, travessões, citações, tipo do título, títulos correntes, aqueles que vão em todas as páginas, ou pelo menos uma sim uma não intercalando com o nome do autor ou do capítulo, fôlio, folha de ante-rosto e página de rosto, etc.

O limite entre aplicar as regras do design e exagerar num projeto gráfico é muito pequeno, por isso Hendel acredita que o design de livros não é uma arte que possa receber uma criatividade infinita e sem limites. O livro todo conversa com seu conteúdo, não é somente o que o autor escreve que vai definir o assunto da publicação. Isso também é definido por meio da forma física e da escolha tipográfica. Cada escolha feita por um designer causa algum efeito sobre o leitor. (HENDEL, 1999)

O projeto gráfico de uma publicação define o caminho que o leitor vai fazer, por isso a importância do número de páginas, todos no mesmo lugar e compostos com a mesma tipografia, peso e tamanho. Um exemplo de unidade e diferenciação nesse quesito está no “Reuniões Visuais”, que usa numerais romanos para marcar as páginas da introdução - bem longa - e depois numerais cardinais para o restante do livro. Na introdução, o título do livro vem na frente do número da página, no mesmo tamanho de fonte. No restante do livro são os nomes dos capítulos em questão que acompanham o número da página, recurso interessante para que o leitor saiba onde está.

Além da proporção, do tamanho da página, do bloco de texto, margens e número de páginas, outros elementos complementam um projeto gráfico, como: corpo dos títulos, intertítulos, onde é a abertura dos capítulos, onde fica posicionado o fôlio, como se apresentam as notas de rodapé, parágrafo com recuo ou sem, com capitular ou sem.

Todos estes elementos ficam dentro do Grid, literalmente uma grade, linhas invisíveis que os designers traçam para montar o trabalho no papel (ou na tela do computador), seja ele um livro, um cartaz, um folheto, um anúncio, etc. Além de organizar o conteúdo ativo da página (texto e imagens), o grid estrutura os espaços brancos, que deixam de ser meros buracos vazios e passivos e passam a participar do ritmo do conjunto geral. (LUPTON E PHILLIPS)

Delimitando um grid, o designer pode construir composições, layouts e padronagens dividindo um espaço em campos e preenchendo-os ou delineando essas

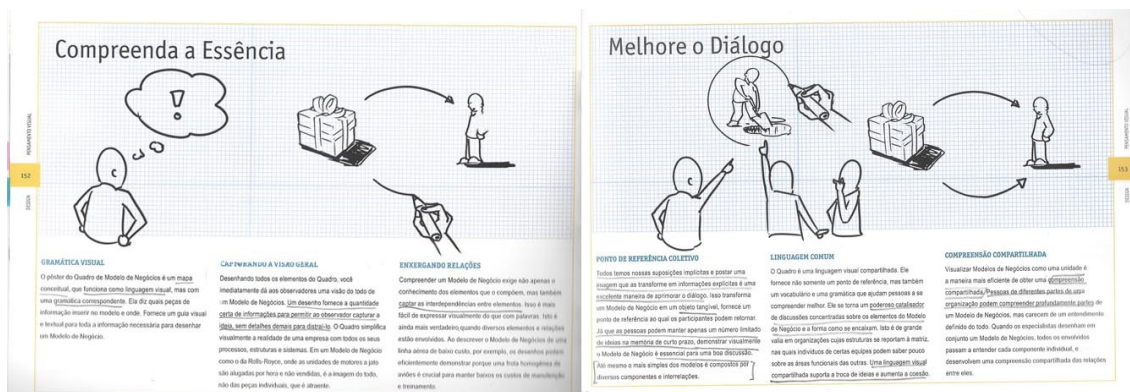
células de maneiras diferentes. Os mesmos princípios formais aplicam-se à organização de texto e imagens num projeto de publicação. (LUPTON)

Imagens, ilustrações e diagramas

Os livros podem ter ilustrações que se espalham pelo texto, ou imagens que ficam em uma página separada do texto, as vezes até de outro papel. É importante planejar no projeto gráfico, que a imagem e a mancha de texto, nesse caso, tenham o mesmo tamanho. Tradicionalmente as estampas e pinturas no geral são proporcionalmente retangulares e precisam de uma legenda. (TSCHICHOLD)

Em “A Forma do Livro”, Jan Tschichold pondera que ao usar ilustrações nos livros, as margens de páginas espelhadas tem que unir página de texto e página de ilustração num todo, pois o efeito de um par de páginas é importante.

Para ilustrar um dos exemplos de Tschichold, veja abaixo duas páginas duplas do livro *Business Model Generation*⁵ onde a margem foi pensada de duas maneiras a favorecer o conteúdo:



Estas duas páginas duplas no meio do capítulo apresentam, cada uma, uma grande imagem horizontal que ocupa mais de 50% da área. As margens são espelhadas, sendo que, como o livro é em formato paisagem, o fôlho, o nome do capítulo e do subcapítulo estão fora da margem, na página par do lado esquerdo, na página ímpar na lateral, no meio da página. A margem inferior é menor que a superior, que é menor que a lateral externa. Tschichold defendia que estampas horizontais são incômodas, que no caso de um livro com muitas imagens horizontais a melhor saída seria criar um livro no

⁵Cópia de duas páginas do livro *Business Model Generation*, Altabooks

formato paisagem e compor o texto em duas colunas. E foi exatamente isso que foi feito.

Diagramas - A estrutura da facilitação gráfica

Chamamos de diagrama, a representação gráfica de uma estrutura, situação ou processo. Diagramas podem descrever a anatomia de uma criatura, a hierarquia de uma corporação ou o fluxo de ideias.(LUPTON, 2008). Podemos dizer então que o resultado do trabalho dos facilitadores gráficos é um diagrama. Ellen Lupton escreve em “Os Novos Fundamentos do Design”, que diagramas nos permitem enxergar relações que não viriam à tona numa lista convencional de números, nem numa descrição verbal. Na facilitação gráfica, o veterano David Sibbet estimula as pessoas a fazerem anotações visuais enquanto outras falam para fixar o conteúdo, e também o uso de imagens fotográficas e ilustrações evocativas como suporte ao diálogo de um grupo.

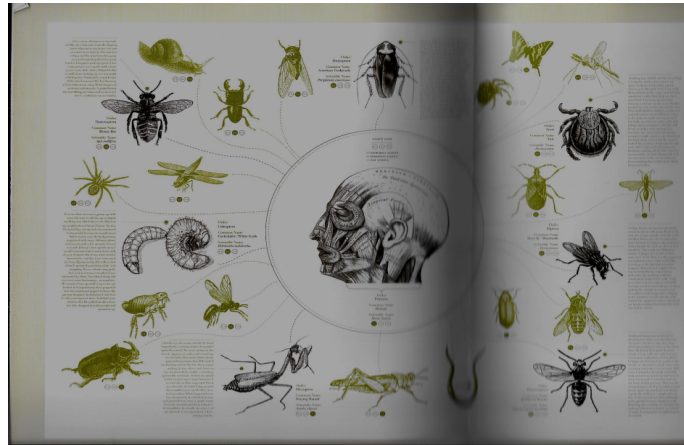
Os “fundamentos do design” listados por Lupton, convergem no design de diagramas. O ponto, a linha, o plano, a escala, cor, a hierarquia, e camadas. Também Sibbet coloca significado nestes elementos para documentar reuniões visualmente: pontos (“olhe aqui”); linhas (conexão ou separação); ângulos (mudança ativa); quadrados e retângulos (organização formal); setas vazadas (organização ativa); espirais (unidades dinâmicas); círculos (unidade).

No exemplo “Entomofobia”⁶ retirado do livro de Lupton, temos um gráfico que utiliza desenhos e cores para estudar o medo do designer de vários insetos. Aqueles que causam mais medo são indicados em preto. Os demais em verde. Próximo aos animais estão informações sobre sua ordem na classificação científica, seu nome e, também, seu nome científico. No centro, há uma cabeça humana, que representa o designer. Uma classificação por círculos define o grau de medo de cada espécie: extremamemnte ansioso (EA), sobriamente ansioso (SA) e não ansioso (NA).

⁶Diagrama criado por Jacob Lockard, Design Gráfico Avançado. Jennifer Cole Phillips, docente. Disponível em “Os Novos Fundamentos do Design, páginas 2010 e 211

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016



Brandy Agerbeck, em seus treinamentos faz um mix da teoria do design de diagramas, com os significados que as formas podem assumir. Seus “8 essenciais” seguem a mesma linha da observação que Lupton faz dos elementos, quando diz que as marcas gráficas e relações visuais adquirem significados específicos, codificados no diagrama para representar aumentos numéricos, tamanho relativo, mudança temporal ligações estruturais e outras situações.

“Gráficos de informação tem um papel efetivo a desempenhar no campo do design editorial. A linguagem dos diagramas produziu um repertório rico e evocativo dentro do design contemporâneo. Em contextos editoriais, os diagramas servem, com frequência, para iluminar e explicar ideias complexas” (LUPTON, Ellen e COLE, Jennifer em Os Novos Fundamentos do Design - página 199)

Facilitação Gráfica em projetos editoriais

É possível identificar o uso de facilitação gráfica em projetos impressos e digitais. Vamos explorar alguns exemplos de publicações que usam esse recurso para facilitar o entendimento do conteúdo, ou só como forma ilustrativa. A profissão é nova no Brasil, então, livros em português com esse recurso também. Mas conseguimos reunir exemplos publicados, além dos já citados Reuniões Visuais e *Business Model Generation*.

“Cadernos de exercícios para aumentar a auto estima”. Rosette Poletti, Barbara Dobbs com ilustrações de Jean Augagneur. Editora vozes. Coleção praticando o bem-estar. 64 páginas.

O livro brochura tem o objetivo de apresentar atividades manuais e de reflexão, para de fato aumentar a auto estima dos leitores. O livro tem 16cm x 21,7cm (fechado), papel offset 75mg aproximadamente, possui duas fontes principais, a primeira para

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

detalhes. As legendas e textos dos testes que o livro propõe, são na fonte que imita a grafia de uma máquina de escrever. A segunda fonte, a mais utilizada, imita uma letra de forma feita manuscrita. Os desenhos foram feitos para complementar cada exemplo ou explicação do texto, seja literalmente ou por meio de metáforas. Além disso as autoras propõem uma série de atividades para os leitores preencherem os livros, como escrever seus sentimentos em balões, pintar uma mandala, completar um teste. Como disse David Sibbet, a facilitação gráfica possui ferramentas e métodos que promovem a esperança de novas maneiras de encarar níveis cada vez mais altos de dinamismo e de mudança, muitas dessas ferramentas são simples e poderosas, como escrever os sentimentos.

“Design Digital” Javier Royo. Rosari. 170 páginas.

O livro é essencialmente teórico. Foi composto na fonte Syntax. Miolo em papel offset e capa em papel cartão com laminação. 17cm x 24cm. Apesar de ser 85% texto, o livro possui diversas ilustrações simples, que remetem ao universo infantil e tem uma característica cômica. Na página 95 temos um diagrama, que pode ser classificado como facilitação gráfica, pois utiliza desenhos, poucas palavras, flechas, pontos e linhas para gerar um significado, nesse caso o de explicar a relação entre o designer, a tecnologia e o usuário, dentro de um determinado contexto. Mais adiante, na página 104 um gráfico explica o condicionamento do designer digital, relacionando a evolução natural do design com a pressão e a velocidade da sociedade.

“Guia para a implantação da Política Nacional de Resíduos Sólidos nos municípios brasileiros de forma efetiva e inclusiva” - Programa Cidades Sustentáveis. 57 páginas (PDF)

O Programa Cidades Sustentáveis tem como objetivo sensibilizar, mobilizar e fornecer às cidades brasileiras ferramentas que as auxiliem a se desenvolverem de forma econômica, social e ambientalmente sustentável. Defender essa causa e colocá-la em prática representam um grande desafio. A participação de cidadãos, organizações sociais, setores empresariais e governos é condição essencial para que esses objetivos sejam bem sucedidos. (NOSSA SÃO PAULO). A publicação é o resultado de um dia de workshop com pessoas de diversas ONGs, coletivos e grupos que discutem a PNRS - Política Nacional de Resíduos Sólidos. 80% do pdf em tamanho A4, paisagem, é texto,

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

dividido em duas colunas, com fotos e box que acompanham a largura das colunas. Algumas páginas são diferentes, elas trazem as facilitações gráficas feitas por Vitor Massao (Coletivo Entrelinhas) feitas no dia do encontro, e que ajudaram o grupo a discutir o conteúdo aprofundado na publicação.

Conclusão

A atividade de facilitação gráfica está no Brasil há cerca de dez anos. Como ela foi chegando pela vivência das pessoas e a inclusão de várias técnicas em algum trabalho que já era desenvolvido antes, muitas coisas não estão padronizadas, como a formação e o preço pelo serviço prestado.

Porém, questões ainda mais básicas ainda estão se definindo. Por exemplo o nome que se dá às teorias, aos profissionais e ao produto desenvolvido. Nas leituras em livros, sites, blogs e redes sociais sobre a profissão identifiquei três categorias de termos: as “teorias” usadas para explicar o que é facilitação gráfica; como os profissionais se definem; que nome dão ao resultado de seu trabalho, o “produto”.

As palavras e expressões usadas para definir a facilitação gráfica costumam ser: lúdico, leve, linguagem visual, organização do conteúdo, inteligência coletiva, pensamento visual, não linear, compreensão compartilhada, registro gráfico, cocriação, técnicas visuais (tabelas e gráficos), aprendizagem. Um processo de diálogo, exploração e comunicação que gera compreensão.

Eles se identificam como facilitadores gráficos, mas também: ilustradores, designers de fluxos de conversação, de informações, de eventos, profissional visual, registrador gráfico, educador.

O resultado do trabalho recebe nomes ainda mais variados: colheita, facilitação gráfica, facilitação visual, painel, quadro de negócios, sistematização ilustrativa, ou criativa, mapa conceitual, murais.

Quanto à produção editorial. Alguns livros foram identificados como contendo elementos da facilitação gráfica em seu projeto editorial, mas nenhum (público) ainda é feito completamente com essa técnica, ou seja, vários painéis (em versão reduzida para impressão) explicando o conteúdo.

Os facilitadores entrevistados para esta monografia indicaram alguns trabalhos seus que migraram para projetos editoriais, como relatórios institucionais, relatórios de reuniões, manuais de trabalho e manuais de conduta de empresas, alguns, infelizmente, sigilosos por trazer informações sobre as empresas que contrataram estes profissionais. A comunicação visual é um caminho. A linguagem rápida da internet e avalanche de informações que recebemos todos os dias nos faz priorizar conteúdos. Uma das formas de escolher sobre o que se informar é a forma como o conteúdo é apresentado.

Em abril de 2014 o BlueBus, um site referência sobre publicidade e cultura digital, publicou um artigo (pequeno) e um vídeo infográfico sobre o crescimento de vídeos na internet. O vídeo tem dois minutos e vinte e um segundos e se chama “Mostre-me algo”. Segundo os produtores um e-mail com um vídeo tem 96% mais chance de ser aberto que um com um link de texto. Nas redes sociais as pessoas estão duas vezes mais propensas a clicar em um vídeo do que em um link de texto, além disso, 60% do conteúdo virtual circulando pelo planeta, são vídeos. A teoria é que quando estamos olhando para uma tela não estamos raciocinando muito sobre aquilo

Realizam

PENSACOM BRASIL – São Paulo, SP – 12 e 13 de dezembro de 2016

que é apresentado, estamos apenas pedindo: mostre-me algo. (disponível aqui <http://bit.ly/PQOshH> acesso em 9 de abril de 2014)

Os painéis de facilitação gráfica, ao contrário, não propõe uma postura passiva de seus expectadores. Enquanto são feitos colaboram para o processo de construção daquele processo onde estão inseridos. Quando são feitos, para alguma palestra, sem muita interferência da plateia, são um registro lúdico e colorido que ajudará os participantes a sempre lembrarem das partes principais do que foi dito. Se colocadas em livros, as facilitações gráficas, atualmente, colaboram com o texto que as acompanha, fazem as engrenagens do cérebro trabalharem mais, e melhor.

Bibliografia

- AGERBECK, Brandy. **Facilitação Gráfica sobre o discurso do presidente Obama**. Disponível em <<http://loosetooth.com>>. Acesso em 3 dezembro de 2013.
- AGERBECK, Brandy. **The Graphic Facilitator's Guide**. Loosetooth.com Library 2012.
- BRINGHURST, Robert. **Elementos do Estilo Tipográfico - Versão 3.2**. 2ª ed. São Paulo, 2011
- DOBBS, Barbara, POLETTI, Rosette e AUGAGNEUR, Jean (ilustrações). **Caderno de Exercícios para Aumentar a Autoestima**. ed. Vozes, 2008.
- HALLAWELL, Philip. **A mão livre: a linguagem e as técnicas do desenho**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2006. In Blog Facilitação Gráfica de Max Ribeiro. Disponível em <<http://bit.ly/1fBV9cA>>. Acesso em 11 de abril de 2014.
- LUPTON, Ellen. PHILLIPS, Jennifer Cole. **Novos Fundamentos do Design**. São Paulo: Cosac Naify, 2008
- MEO, Izabel Marques. **Facilitação Gráfica no Brasil e seu uso em projetos gráficos editoriais**. Centro Universitário Senac, 2014
- OSTERWALDER, Alexander e Yves Pigneur. **Inovação em Modelos de Negócios**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2011
- REGÊNCIA CONSULTORIA. **Facilitação Gráfica da Palestra de Philip Kotler no Fórum HSM 2013**. Disponível em <<http://on.fb.me/1IGiGOX>>. Acesso em 16 de março de 2014.
- ROYO, JAVIER. **Fundamentos do Design - Design Digital**. ed. Rosari, 2008
- SIBBET, David. **Reuniões Visuais - Como gráficos, lembretes autoadesivos e mapeamento de ideias podem transformar a produtividade de um grupo**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2013
- TSCHICHOLD, Jan. **A Forma do Livro - Ensaio Sobre Tipografia e Estética do Livro**. ed. Ateliê Editorial, 1975